

## APRESENTAÇÃO

*Il y a différence entre le déplacement (par exil ou dispersion) d'un peuple qui se continue ailleurs et le transbord (la traite) d'une population qui ailleurs se change en autre chose, en une nouvelle donnée du monde.*

*[...] Par lui nous comprenons que des histoires entrecroisées sont à l'oeuvre, proposées à notre connaissance et qui produisent de l'étant. Nous renouons à l'Être.<sup>1</sup>*

O elenco de textos apresentados neste número temático da revista *Ilha do Desterro* pretende ser uma breve amostragem das diferentes maneiras através das quais as textualidades contemporâneas, produzidas em língua inglesa, tratam do papel de artistas e intelectuais, e do valor da arte (ficção, poesia, dramaturgia e cinema), frente às forças fragmentadoras das políticas globais. A ascensão do neoliberalismo como modelo triunfante do novo milênio, marcado pela abertura dos mercados internacionais, acabou por diluir reivindicações em processo de atendimento. Os colaboradores deste volume discutem representações de modos de vida e a possibilidade da sobrevivência criativa, face a esta nova realidade. Os ensaios aqui apresentados levam em conta um conjunto de processos sociais e culturais que afetam a

Ilha do Desterro	Florianópolis	nº 54	p. 009- 017	jan./jun. 2008
------------------	---------------	-------	-------------	----------------

nação, ou que ligam as diversas partes do globo, tais como colonialismo, capitalismo, cosmopolitismo e mundialização.

O cimento que liga as diferentes pesquisas aqui apresentadas é, ao fim e ao cabo, a relação da arte com a política – a articulação de uma intervenção cultural nas crises nacionais e a construção de espaços simbólicos de contato cultural. Em nossa era de acentuada dispersão dos povos sobre o planeta, de fome de espaços geográficos e culturais, os esforços por uma ocupação mais justa de tais espaços destacam-se como problemas a serem investigados. Tomando a história como pano de fundo e, muitas vezes, a imagem de geografias violadas, os autores exploram discursos superpostos da violência que enfatizam a tensão entre o pessoal e o político, entre o individual e a comunidade. A violência da desterritorialização tem como contrapontos o desejo de visibilidade, de construção e estabelecimento de um lar, de existir no outro, de “transformar-se em outra coisa”, para tomar emprestadas as palavras de Glissant, acima. Estes desejos são, frequentemente, conduzidos por indivíduos, cuja mobilidade transnacional ou transcultural os torna mediadores de relações, muitas vezes conflitadas ou assimétricas, entre culturas diferentes ocupando um mesmo espaço geográfico, ou entre nações anfitriãs e sujeitos diaspóricos.

Iniciando a discussão sobre intervenção cultural nas crises nacionais, a presente coletânea de textos abre com um ensaio que discorre sobre o papel, muitas vezes polêmico, desempenhado por intelectuais de peso: os integrantes da iniciativa cultural conhecida como Field Day, na Irlanda. Fundada em 1980, com o propósito de criar uma intervenção cultural na crise da Irlanda do Norte, a iniciativa Field Day reuniu algumas das figuras mais importantes da vida cultural irlandesa, como o dramaturgo Brian Friel, o ator Stephen Rea e o poeta Seamus Heaney. No ensaio **Nationalism in Exotic Clothes? Postcolonial Thinking, Gender and Translation in *The Field Day Anthology of Irish Writing*, Aidan O'Malley** enfoca a maneira como a antologia, editada por este grupo de artistas, é fortemente informada por teorias pós-coloniais. Contudo, se, por um lado, a antologia Field Day mereceu crédito, por ter articulado os estudos pós-coloniais com os

estudos sobre a Irlanda, por outro, seus organizadores foram severamente criticados, pela virtual ausência de mulheres nos três primeiros volumes. Tal ausência foi entendida por muitos como a comprovação de que o grupo não conseguia enxergar questões prementes, para além da questão 'nacional', não tendo, como resultado, condições de fornecer uma narrativa viável da nação, ao final do século 20. A lacuna relativa a gênero foi "corrigida", com a publicação de dois volumes subseqüentes, inteiramente editados por mulheres, e dedicados a escritoras. Através do relato deste episódio que marcou a história cultural contemporânea da Irlanda, O'Malley reflete sobre os problemas e possibilidades da tradução de modos de pensar pós-coloniais para a realidade européia. Este primeiro ensaio abre-se para uma questão incontornável, assim como polêmica – que pode ser resumida na advertência de Glissant de que as preocupações dos intelectuais e escritores de países pós-coloniais não vão ao encontro das preocupações de seus pares ocidentais. Contudo, pode ser argumentado que a Irlanda, um país dividido em 1922 em sul e norte, e consolidado em 1937 em República da Irlanda e Irlanda do Norte, respectivamente, sofreu uma cisão da nação que resultou em uma 'fronteira', se não geográfica, certamente cultural, lingüística e política – para não falar de sua condição periférica em relação à Inglaterra. Trata-se, enfim, de um país em que a questão nacional ainda não está resolvida – o que sugere aproximações com os problemas dos países chamados periféricos.

Ainda no âmbito do embate entre centro/periferia no Reino Unido, passamos para a construção ficcional da identidade do migrante no espaço agora propriamente da nação inglesa, no ensaio **Forasteiros Na Pátria-Mãe: O Lugar do Migrante em *The Lonely Londoners*, de Samuel Selvon e *The Final Passage*, de Caryl Phillips**, contribuição de **Denise Almeida Silva**. O ensaio toma como pano de fundo a experiência da geração *Windrush* – o período de intensa migração dos povos colonizados para a Inglaterra pós-guerra em busca de trabalho – e revela a adoção de estratégias afiliativas que favorecem a construção da nova identidade cultural na Inglaterra. Ou

seja, as obras detalham o processo de transição da cultura de origem para a construção de novo espaço dos antilhanos, entre outros migrantes 'de cor', em solo inglês. Da Silva cita Stuart Hall – “a identidade cultural não se forma no vácuo, nem é algo que transcende lugar, tempo, história ou cultura, mas um processo histórico, e como tal em constante transformação” – para abordar obras que trabalham com a diferença entre a pátria imaginada e a maneira como esta se apresenta na realidade, um dos *leit-motifs* recorrentes na literatura de migração. Tendo herdado do processo colonial a língua, o modelo educacional e a estrutura administrativa da pátria-mãe, o migrante chega à metrópole presumindo conhecê-la tão bem quanto os cidadãos lá nascidos, uma presunção que se desfaz frente à realidade do preconceito latente ou explícito na geografia londrina, onde brancos e negros vivem vidas totalmente diversas. Para tentar penetrar a Inglaterra branca, o migrante adota uma escala que privilegia as tonalidades mais próximas à branquitude e acaba por reforçar a alienação cultural pela negação da própria cor. O contato com o branco também mina aspirações assimilacionistas, ressaltando sua negritude. Decisivo neste processo é o apoio prestado pelas demais comunidades diaspóricas, que assistem o migrante desde seu desembarque, provêm o apoio logístico e humano e um espaço híbrido dentro da nova realidade que faz as vezes de ponte entre a realidade e o sonho que os levou à nova nação.

Avançando mais um pouco na análise de políticas de afiliação, pertencimento e exclusão inerentes ao sujeito (i)migrante, apresentamos, em seguida, o ensaio **Ashes of History: Colum McCann's Zoli**, de **Eluned Summers-Bremner**, sobre a obra de um autor irlandês radicado nos EUA, conhecido pela biografia ficcionalizada do famoso bailarino Nureyev, intitulada *Dancer*. Colum McCann é, confessadamente, obcecado com o tema do exílio. Em *Zoli*, romance aqui analisado por Summer-Bremner, McCann baseou-se na história da poeta polonesa de origem romani, Bronislawa Wajs – ou Papusza, como também era conhecida. Nos anos 1930, guardas da cidade eslovaca de Hlinka forçam uma família romani a permanecer sobre o gelo, até que ele se partisse e suas caravanas fossem submersas sob a água

gelada. Apenas dois membros conseguiram escapar: o patriarca e sua neta de seis anos de idade, Zoli. Seu avô, leitor secreto de Marx e Engels, a envia à escola, desafiando a tradição romani, e Zoli aprende a escrever as canções que lhe vêm à mente. A partir deste episódio, McCann superpõe uma variedade de exílios, e explora a espacialidade da experiência cigana no leste europeu, deixando implícitas as razões históricas da dificuldade de se compreender tal experiência. O ensaio de Summer-Bremner é uma reflexão sobre o trabalho ético da poesia. Deserdada por seu povo, ao publicar sua poesia, Zoli serve de paradigma para a Lei 74, ou Big Halt, dos anos 50-60, que resultou no confisco de caravanas, e na perda do sentido de pertencimento de ciganos do leste europeu, que se viram forçados a habitar apartamentos na cidade.

Esse direito de ser e viver duas heranças culturais simultaneamente, o acesso e o sentimento de pertença à cultura de seus antepassados como necessidade e direito, enquanto buscam meios de acesso à cultura dominante da nação anfitriã, caracterizam a condição pós-diaspórica dos descendentes de uma determinada comunidade que se dispersou pelo mundo. Em **A Condição Pós-Diaspórica: Estratégias de Reterritorialização, Cláudio Roberto Vieira Braga e Gláucia Renate Gonçalves**, chamam a atenção para o debate teórico sobre as conseqüências da globalização para a condição diaspórica, associando tal condição ao debate sobre o global e o local, e a 'multifuncionalidade' que a diáspora herda de sua aproximação com as questões de etnicidade, uma vez que a questão espacial que tipifica a diáspora está estreitamente relacionada com a identificação cultural e o isolamento das etnias marcadas pela cor da pele. Braga e Gonçalves propõem o uso do termo "pós-diáspora" para caracterizar a "tensão [e resposta] criativa" (Avtar Brah) disparada pela reconfiguração do conceito de lar, onde o desejo de voltar para casa colide com a sua impossibilidade ou aspiração, pois o sujeito pós-diaspórico é aquele que habita mais de um lar ao mesmo tempo, pelo menos no sentido de espaço de pertencimento. O sujeito pós-diaspórico substituiria a idéia de retorno ao lar pelo desejo de fazer para si um lar onde estiver. Os

autores examinam essa manifestação do intelectual pós-diaspórico nas obras da escritora estadunidense Karen Tei Yamashita, que há muito investiga o movimento migratório de japoneses em escala global. Os caminhos da diáspora a trouxeram também ao Brasil, onde vive a maior comunidade japonesa fora do território japonês. De sua permanência de nove anos no Brasil resultaram os romances *Through the Arc of the Rain Forest* (1990) e *Brazil-Marú* (1992), transformada em mini-série para a televisão, e também *Circle K Cycles* (2001), que surgiu mais tarde de sua estada de seis meses no Japão. O tema abordado adquire destaque especial neste ano em que se comemoram os cem anos da imigração japonesa no Brasil.

Se Gonçalves e Vieira Braga, apontam, acima, para a complexidade de se estabelecerem normas para definir “minorias” diaspóricas, **Greg Mullins**, em seu ensaio **Subjects of Rights in Another City of God: Violence, Sexuality, and the Norms of Human Rights**, traz para o debate uma pergunta candente: O discurso internacional de direitos humanos, cujo quadro referencial enuncia padrões e normas, contemplaria grupos não-normativos, como, por exemplo, gays, bissexuais e indivíduos trans-gênero? A contribuição acadêmica da área da Literatura é de enorme importância para o campo dos direitos humanos. Há uma década, a pesquisa e o ensino relacionados aos direitos humanos vinham, sobretudo, do âmbito do direito, das políticas públicas, da ciência política, saúde pública e filosofia. Na última década, as conexões interdisciplinares entre estas áreas de estudo têm sido mais sistematicamente reconhecidas. Novos trabalhos emergiram nas ciências e na ciência social, e as humanidades já não se encontram representadas apenas pela filosofia. A produção acadêmica de áreas como história, cinema, comunicações, teatro e história da arte voltam, cada vez mais, sua atenção para questões relacionadas aos direitos humanos. Enfocando o desafio de se pensar naqueles grupos cujas demandas permanecem sem ser atendidas, Mullins discute a obra do autor chicano Gil Cuadros, para examinar como a poesia e a arte narrativa podem provocar reflexões acerca das políticas dos direitos humanos. Os personagens dos contos e poemas de Cuadros são, nas

palavras de Mullins, “sujeitos dos direitos humanos no sentido mais amplo, pois foram inevitavelmente formados pelas normas hegemônicas do discurso político liberal e neoliberal dos EUA do século 20.” Ao longo de sua análise, o autor reflete, ainda, sobre quadros de referência nacionais e transnacionais que, ao mesmo tempo, enunciam direitos e testemunham sua violação.

Como ser diferente dentro de grupos aparentemente homogêneos por um diferencial de raça, religião ou nacionalidade? Esta é a pergunta subjacente ao texto de **Liane Schneider, Indivíduos ou Grupos – Quem Tem Voz na Literatura Contemporânea em Língua Inglesa Produzida na Diáspora?** O trabalho da autora aborda as distorções ocasionadas por leituras parciais e hierarquizadas das diferenças, e seu potencial prejuízo para indivíduos que não conseguem ter seu mérito pessoal reconhecido, colocando-os em conflito com sua própria comunidade. Esta constatação nos leva a retomar o mote provocado por Mullins, acima, suplementando a discussão teórica sobre igualdade e diferença em todas as suas complexas nuances de determinação da inserção ou exclusão do sujeito no grupo em que se insere, seja ele de negros, de mulheres, de gays, entre muitos outros. A partir dos anos 60, com a implantação “oficial” da política do multiculturalismo, o Canadá passou a ser percebido como uma das nações contemporâneas mais intensamente marcadas pelos encontros entre diferentes povos e culturas, aberto e interessado nos processos de imigração. A diversidade cultural não é recente, no entanto, nem resulta exclusivamente de processos globalizantes de deslocamento, típicos da contemporaneidade. Na literatura mais recente produzida no país, percebe-se uma clara consciência dessa polifonia cultural, e suas conseqüentes dissonâncias. Schneider analisa a relação entre identidades individuais e grupais, dentro do atual cenário das produções culturais ditas globalizadas, em sujeitos marcados pela diáspora. Se já inquestionável que a pátria e a língua materna seriam equivalentes, atualmente a noção de pertencimento nacional ou de identificação lingüístico-patriótica vai sendo dispersa entre várias línguas e culturas que dialogam ou entram em conflito nas experiências diaspóricas

globais. Schneider se propõe a averiguar que vozes perpassam as fronteiras que delimitam de territórios e os paradoxos implícitos na luta por uma ocupação mais justa dos espaços culturais e geográficos, em especial no Canadá. Os textos escolhidos por ela são os contos de duas jovens escritoras canadenses nascidas na década de sessenta, a primeira com fortes marcas culturais latinas e germânicas, e a segunda, japonesas: “Stinky Girl”, de Suzette Mayr, e “The education of Carmen”, de Hiromi Goto. Os contos são dotados de protagonistas que representam literariamente as possibilidades de sobrevivência criativa na contemporaneidade, em meio às dissonâncias e conflitos da convivência transcultural.

Ainda na vertente étnica, nossa colega argentina **Margara Averbach** contribui com uma análise de dois filmes baseados em romances aborígenes. Em seu ensaio **Two Versions Of The Road Back Home: Native Cinema In The Usa And Canada**, a autora salienta a importância do filme aborígene (ainda uma novidade nas telas norte-americanas) como uma forma de auto-representação alternativa aos estereótipos da cinematografia ocidental. Os dois roteiros são baseados em romances de escritores ameríndios, cujos títulos foram mantidos na versão cinematográfica: *Medicine River*, do romance de Thomas King e *Powwow Highway*, do romance de David Seals, este último dirigido por Sherman Alexie. O tema de ambas as películas aparece em muitas obras de escritores nativos: a viagem de retorno à comunidade de origem depois de os personagens principais terem se afastado e se ocidentalizado por muitos anos. As viagens têm muitos percalços cômicos, uma vez que o típico humor aborígene é uma das grandes estratégias de sobrevivência dos povos ameríndios. O retorno do fotógrafo de *Medicine River* e do segurança da mineradora de *Powwow Highway* são mediadas por figuras de *tricksters* que são ambivalentes heróis/palhaços a conduzir os testes que levam à cerimônias de reintegração dos personagens em suas famílias e suas comunidades.

Os trabalhos aqui apresentados tecem um diálogo em que o local da cultura se consolida como o novo lugar onde se destacam idéias sobre construções de identidades, nos levando a refletir acerca das



implicações destas construções no que concerne ao sentido de atuação nas sociedades contemporâneas. Apontam, em particular, para um projeto mais abrangente, que leve em conta o acesso – ou a falta de acesso – ao contexto maior de transformações mundiais, como as novas formas de migração e o movimento massivo dos povos sobre o planeta, ou, ainda, o impacto e contribuição da globalização, que traz em seu bojo tensões, conflitos e desejos ou sentidos diferentes de enraizamento e/ou afiliações a determinados grupos. Nesse sentido, as reflexões por parte dos autores são, muitas vezes, apresentadas em forma de perguntas, explícitas ou implícitas: Quem é o sujeito, e quem é o Outro? Qual o lugar da diferença e da alteridade, da normalidade ou normalização, ao buscar-se definir identidade e pertencimento? Que papéis exercem a integração ou adaptação, na construção de novas afiliações ou lealdades, ou na construção de novas exclusões? Quais os símbolos e significados ligando povos de diferentes lugares, nas novas construções transnacionais? São perguntas relevantes para um mundo globalizado, em que subjetividades deslocadas reconstroem suas trajetórias e identidades através da produção cultural.

**Sonia Torres**

Universidade Federal Fluminense

**Eloína Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul